

I BIENAL LATINO - AMERICANA DE SÃO PAULO

Yumara Pessôa*

Resumo:

O artigo trata da I Bienal latino – americana de São Paulo e das obras nela apresentadas segundo o polêmico tema “mitos e magia”, na sua relação com as manifestações artísticas que ocorriam em Salvador na década de 70 do século XX.

Palavras - chave: Memória. Arte. Latino América. Salvador – Bahia. Década de 70 – Século XX.

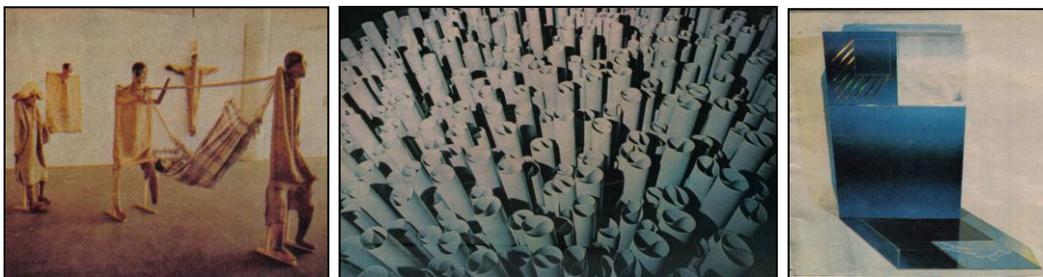
Resumen:

El artículo trata de la I Bienal Latinoamericana de San Pablo y de las obras en ella presentadas según el polémico tema "mitos y magia", en su relación con las manifestaciones artísticas que sucedían en Salvador en la década de 70 del siglo XX.

Palabras clave: Memoria. Arte. Latinoamérica. Salvador-Bahia.

Década de 70. Siglo XX.

Realizada entre 03 de novembro e 17 de dezembro de 1978 no Pavilhão Armando de Arruda Pentecostado no Parque Ibirapuera, a *I Bienal Latino-americana de São Paulo* surge num momento em que as artes visuais brasileiras materializavam - se nas mais diversas tendências - Arte Conceitual, Arte Cinética, Ótica, Ambiental e Antiarte - presentes nas diversas Bienais Nacionais e Internacionais da década de 70.



Bienais de São Paulo: Anderson Tavares de Medeiros (70); Roberto Leal (71); Ivan Freitas e Siron Franco (75); Eckenbergen (77).

Assim como outros encontros do período - *(I) Bienal de Gravura Latino – Americana* (Porto Rico, 1970) e *(I) Bienal Ibero – Americana de Pintura* (México, 1978) – a *I Bienal Latino - americana de São Paulo*, teve a intenção de “indagar acerca do comportamento visual, social e artístico dessa região imensa do Continente Americano, procurar seus denominadores comuns e instaurar a preocupação pela pesquisa e análise, com finalidade de reconhecer nossas identidades e potencialidades” (Conselho de Arte e Cultura da Bienal de São Paulo, in: CATÁLOGO, 1978, p. 20), buscando “proporcionar aos artistas e intelectuais da América Latina um ponto de encontro e a possibilidade de – em conjunto – pesquisarem, debaterem e se possível, estabelecerem o que se poderá chamar de arte latino americana” (Luiz Fernando Rodrigues Alves, CATÁLOGO, 1978, p. 19), constituindo – se dessa forma, numa busca de afirmação, diante da hegemonia dos Estados Unidos (AMARAL, 1978).

Sob a égide do polêmico tema “Mitos e Magia”, a Bienal se estruturou em 03 sub - áreas: SIMPÓSIO, ocorrido entre 03 e 06 de novembro e organizado em três seções temáticas - “Mitos e Magia na Arte latino – Americana”, “Problemas Gerais da Arte Latino – Americana” e “Propostas para a II Bienal latino – Americana de 1980”; EXPRESSÕES ARTÍSTICAS, agrupadas em 04 seções segundo o grupo étnico referido, quais sejam, indígena, africano, euro – asiático e mestiçagem e DOCUMENTAÇÃO, “caracterizando” Mitos e Magia “no processo latino - americano, dentro das quatro áreas propostas”, com finalidade didática, sendo apresentados diagramas, textos, gravações, vídeos e filmes, “abrangendo aspectos artísticos, antropológicos, históricos ou sociológicos da América Latina” (CATÁLOGO, 1978, p. 22).

Abrangendo essas diversas áreas, participaram do evento, 14 países com 169 representantes: 21 da Argentina, entre os quais Xul Solar e nove participantes do *Grupo de Los Trece*, vencedor do grande prêmio da *XIV Bienal de São Paulo* em 77; 10 da Bolívia; 02 do Chile; 03 da Colômbia; 02 de El Salvador; 04 do Equador; 04 de Honduras; 28 do México; 14 do Paraguai; 07 do Peru; 09 da República Dominicana; 03 do Uruguai e 62 do Brasil, entre os quais Glauco Rodrigues, que expôs 67 telas em sala especial.



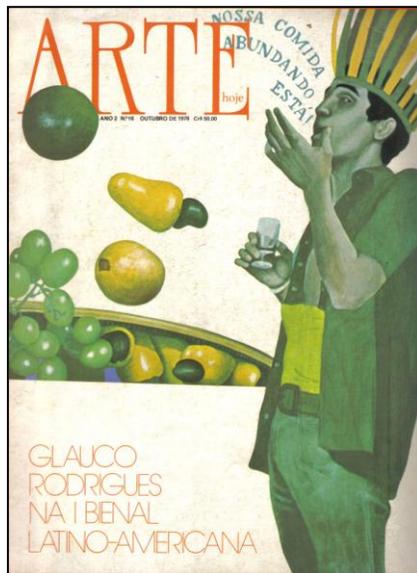
Vicente Marotta, Grupo de Los Trece (ARGENTINA) / José Posada (MÉXICO)



Germán Cabrera (URUGUAI) / Mazda Perez – fotografia (BRASIL)



(BRASIL) Maureen Bisiliat – filme 16 mm / Berenice Gorine Rodrigues – escultura



Glauco Rodrigues: Capa da Revista Arte Hoje, out. 1978.

Talvez em decorrência da “camisa de força” temática e espacial, pela inexistência de premiação (Artigo 16º do Regulamento, in: CATÁLOGO, 1978, P. 28), por falta de convite ou por contestação, podemos observar a ausência naquele evento de países de grande peso cultural como a Venezuela e de nomes representativos da arte continental, tais como Torres Garcia, Armando Reveron, Roberto Matta, Fernando Szyslo, Fernando Botero, Rodolfo Abularach, Francisco Toledo e dos muralistas mexicanos, “perfeitamente inseríveis dentro do tema da mostra” (MORAIS, 1979, p. 63).

Também não participaram da Bienal, importantes artistas brasileiros atuantes naquele período como Waltércio Caldas, Artur Barrio, Tunga e Cildo Meireles, ao tempo que, nomes como Hélio Oiticica – recém chegado de um período de sete anos em Nova York – Claudio Tozzi, Ana Maria Maiolino, José Roberto Aguilar, Antonio Manuel, Júlio Plaza, Olney Kruse, Regina Vater, Portilhos e Ubirajara Ribeiro, se reuniram, como forma de protesto, no *happening Mitos Vadios*, capitaneado por Ivald Granato, ocorrido num domingo, dia 05 de novembro, no estacionamento da Unipark na rua Augusta (KLINTOWITZ, 2007).

Nesse momento, na arte Soteropolitana, o contemporâneo brigava para se impor ao “moderno tradicional”, representado por figuras reconhecidas nacionalmente como Mário Cravo e Caribé, ao tempo que buscava visibilidade num contexto que privilegiava o sudeste do Brasil.

Os artistas da *Geração 70*, entretanto, não apresentavam rupturas drásticas de linguagens (MATSUDA, 1995), à exceção dos objetos de Almandrade, de alguns poucos *happenings* - como o da exposição coletiva “Impressões Baianas” de 1977 - das instalações do ETSEDRON e de Sônia Rangel e da “dança ambiental” de Lia Robatto, os três últimos, representantes baianos na *I Bienal Latino Americana*.

O **Etседron** (anagrama em que a palavra Nordeste está escrita ao contrário) e seus “ambientes” construídos com diversos elementos da natureza do sertão nordestino (cipós, palhas, couro, cabaças, sementes, buchas, raízes)

estiveram presentes em três Bienais Internacionais de São Paulo - 1973, 1975 e 1977 - tendo recebido em 1974, o grande prêmio da Bienal Nacional de São Paulo. (MARIANO 2007).

Com diversas formações entre 1969 e 1979, mas sempre com artistas baianos e sob coordenação de Edson da Luz, o grupo esboçava uma perspectiva multimídia, aglutinando às artes plásticas outras linguagens artísticas -literatura, música, dança, fotografia e cinema - fundamentadas no trabalho coletivo e pesquisas etnográficas do homem rural do Nordeste do Brasil, “num inter – relacionamento do contexto artístico ao social, econômico e geográfico” (ibid).

Apesar de inscrito na Seção “Mitos e Magia de Origem Africana”, com a “Instalação Ambiental” de 700 m², intitulada “O Homem e o Meio / Valores Culturais, Urbanos e Rurais / Arte Viva - Arte Contínua - Execução da Obra de Arte ao Vivo” (CATÁLOGO, 1978, p. 76), aquele grupo baiano não participou da / *Bienal latino – americana*, pois as figuras do Etsedron, expostas ao tempo sobre as pedras do pátio em frente à capela no Museu de Arte Moderna de Salvador, se deterioraram. Na impossibilidade de enviar sua ambientação para a Bienal o Etsedron encenou seu ultimo ato: “As figuras foram incineradas em ritual no Jauá, onde foram criadas. Um caixão mortuário foi confeccionado para abrigar as cinzas e a transcrição do protesto dos artistas contra a repressão e o boicote à arte. A *Morte do Mito* representou o Etsedron na I Bienal Latino Americana que teve, Mito e Magia como tema” (Matilde Matos, Depoimento 2007).



ETSEDRON: XIII e XIV Bienais de São Paulo (1975 e 1977)

Lia Robatto, então professora de dança da UFBA, apresentou na *I Bienal Latino – americana* o trabalho “Ao Pé do Caboclo II”, na seção “Mitoses e Magia de Origem Mestiça” (CATÁLOGO, 1978, p. 88 e 89).

Com música de Onias Camardelli e Figurino de J. Cunha, o trabalho baseava – se “nas festas cívicas de Dois de Julho, nos rituais dos candomblés e nos Afoxés carnavalescos, tradições populares da Bahia carregadas de mitos e magia, manifestadas por vezes através de liturgias altamente requintadas, mas quase sempre expressas de forma ingênua e espontânea”.(ibid).

Conceituado como “um espetáculo itinerante de dança ambiental”, explorava os espaços de circulação do público da Bienal através de cortejos que evoluíam e transformavam – se, configurando três “formas básicas de dança”, quais sejam, as de “êxtase e possessão”, “danças mágicas propiciativas” e “danças comemorativas” (ibid).



Lia Robatto: “Ao Pé do caboclo II”

Na Seção “Mitoses e Magia de Origem Africana”, **Sônia Rangel** apresentou uma instalação de 80 m² intitulada “1977-1978”, composta por desenho, colagem, resina, escultura em papel maché e apropriação de objetos, que propunha “leituras do homem através da” geografia “plástica dos ex-votos ligados ao Senhor do Bonfim, Orixá Okê, Oxalá para as culturas de origem africana na Bahia” (ibid, p. 94).

O trabalho apresentado na *I Bienal Latino americana de São Paulo* estava inserido na pesquisa “Os Milagres”, que a artista realizou por dez anos (1973 - 1983), tendo como referências o “contato coma a manifestação da religiosidade popular baiana e nordestina, sua intercessão com mitos de origem cristã e afro-brasileira”, presentes na Igreja do Bonfim em Salvador e Igreja de Bom Jesus da Lapa, no interior da Bahia (RANGEL, 1995).



Sônia Rangel: “1977-1978”

Assim, ao final de uma década que definiu a "evolução que aboliu os limites entre a arte e a não arte" (ANDRADE, 2001, p. 53) e apesar da proposta abrangente do Conselho de Arte e Cultura, o que se viu na Bienal foi uma grande concentração de obras em suporte tradicional, seja pintura, fotografia ou escultura e em menor número, vídeo – arte, performances, objetos de arte e instalações ambientais.

Podemos observar então que, num universo de 62 brasileiros, a participação baiana na *I Bienal Latino-americana*, não só representou o que de mais contemporâneo se fazia na cidade, como também a luta da arte soteropolitana para impor-se diante da estética colonial e modernista e dos poderosos mercados de arte norte-americana e do sudeste do país.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. Yes, nós temos artistas. **Arte Hoje**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, ano 1, n.11, maio de 1978, p. 16 – 18.

ANDRADE, Rodrigo. **Bravo!** São Paulo: Ed. D'Ávila, ano 4, n.50, nov. 2001, p.53 – 55.

AQUINO, Flávio de. **O Grito da Antiarte: Em São Paulo, a Pré – Bienal do Sesquicentenário premiou objetos representando o lixo industrial e elementos prosaicos do cotidiano**. MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch, 1970, p. 156 - 160.

_____. **Bienal de São Paulo: Uma visão clássica da arte moderna**. MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch, 1975, p. 34 - 40.

_____. Da ecologia a catástrofe no vale – tudo da bienal: Para que o certame não morresse, após 27 anos de vida, foi necessário abrir todos os caminhos da imaginação, mesmo os que levam a antiarte. **MANCHETE**. Rio de Janeiro: Bloch, 1977, p. 156 - 162.

ARTE HOJE. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, ano 2, n.16, out. de 1978.

CATÁLOGO da I Bienal Latino – americana de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, outubro 1978. Datilografado. 139 p. Il.

KLINTOWITZ, Jacob. **Ivald Granato, gênio, inventor do granatês**. Disponível em <<http://www.revistagulha.com.br>> Acesso em 30 maio 2007.

LUZ, Luiz Antônio. XI Bienal: o desencontro das artes. O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 22.09.1971. p. 10 – 18.

MARIANO, Walter. **ETSEDRON, O AVESSE DO NORDESTE**. Disponível em <<http://www.rizoma.net/interna>> Acesso em: 03 jun. 2007. (11:58)

MATSUDA, Malie Kung. **Artes Plásticas em Salvador: 1968 – 1986, 1995**, 120 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Belas Artes. Universidade Federal da Bahia. Salvador.

MORAIS, Frederico. **Artes Plásticas na América latina: Do transe ao transitório**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 41.

RANGEL, Sônia. **Circumnavigare, poemas**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia e Bigraf, 1995. 240p. : il.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Anderson Tavares de Medeiros. S.id, Foto de Heitor Hui. **MANCHETE**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970, p. 156.

Figura 2: Roberto Leal, Fotos de Eduardo Riberto e Carlos Piccino. **O CRUZEIRO**, 22.09.1971. p. 14.

Figura 3: Ivan de Freitas. Arte Cinética. **Foto Nicolau Drei. MANCHETE**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975, p. 38.

Figura 4: Siron Franco. Série *Fábulas de Horror*. Foto Nicolau Drei. **MANCHETE**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975, p. 38.

Figura 5. Eckenbergen, Hônibus. Ônibus, estopa e bonecos de pano. Foto de Nicolau Drei **MANCHETE**. Rio de Janeiro: Bloch, 1977, p. 161.

Figura 6. Vicente Marotta, Grupo de Los Trece. Projeto Geral *Mitos del oro*. Mitos e Magia de Origem Mestiça, 720 m² (CATÁLOGO, 1978).

Figura 7. José Guadalupe Posada (1852 - 1913). *Calaveras*. Desenho. Mitos e Magia de Origem Mestiça. Elementos Compositivos: A Morte. (CATÁLOGO, 1978).

Figura 8. Germán Cabrera, s. id. Terra cozida pintada. Década de 60. Mitos e Magia de Origem Euro asiática (CATÁLOGO, 1978).

Figura 9. Mazda Perez. *Santeiros e Fazedores de Milagres, 1977/78*. Fotografia, 24 X 16 cm. Mitos e Magia de Origem Mestiça (CATÁLOGO, 1978).

Figura 10. Maureen Bisiliat. *A iniciação dos Yaos... da roça de Candomblé – Yansã – Ojá – Dôçôque do Babalorixá Otaviano R. de Araújo... Vila Aracília... São Paulo... Brasil*. Filme 16 mm, cor, som direto, 1976. Mitos e Magia de Origem Africana (CATÁLOGO, 1978).

Figura 11. Berenice Gorine Rodrigues. *Vestes Rituais*. Escultura, 310 X 120 cm. Mitos e Magia de Origem Indígena (CATÁLOGO, 1978).

Figura 12. Glauco Rodrigues, série da *Lenda do Coati – Puru* (Detalhe). Foto de Fernando Seixas. Capa da Revista **ARTE HOJE**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, ano 2, n.16, out. de 1978.

Figura 13. ETSEDRON, **MANCHETE**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975, p. 37.

Figura 14. ETSEDRON, **MANCHETE**. Rio de Janeiro: Bloch, 1977, p. 162.

Figura 15. Lia Robatto. *Ao Pé do Caboclo II*. Espetáculo de dança. (CATÁLOGO, 1978).

Figura 16. Sônia Rangel. 1977 – 1978. Desenho, colagem, resina, escultura em papel machê, apropriação de objetos. 80 m². (CATÁLOGO, 1978).

*Yumara Souza Pessôa é soteropolitana, graduada em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia e Especialista em Conservação e Restauração de Sítios e Monumentos Históricos pela mesma Instituição. Lecionando desde 1996 Disciplinas de Projeto no Curso Superior de Decoração da Escola de Belas Artes da UFBA, obteve o título de Mestre em Artes Visuais, “com distinção”, em março de 2007, apresentando a Dissertação “Decoração Soteropolitana na Década de 70: Cores, formas e representações”. Integra o Grupo de Pesquisa: “Arte Latino - americana: percursos modernos e contemporâneos”, sob Coordenação da Professora Alejandra Hernández Muñoz (2004).